

JB - 1977

O BELO VERÃO DOS JOVENS NO PARQUE LAGE

Maria Helena Dutra

A CABANA neste sábado a série *Verão a Mil* que, desde dezembro, incorporou o Parque Laje ao mundo dos espetáculos, fazendo desfilarem em seu improvisado palco cerca de 50 grupos de jovens artistas da música e poesia brasileira. Mesmo não tendo criado, graças aos céus, nenhum ídolo de massa que mastigue chicletes com perfume, esta temporada provou que ainda há espaço e público para os novos. E que estes, sempre marginalizados pelo mundo empresarial dos palcos cariocas, não se acadêmizam ou ficam *caretas* ao se organizarem em *shows* previamente planejados com boa divulgação, horários respeitados e preços bastante acessíveis. Detalhes que deram credibilidade à série e a transformaram em importante dado nesta guerra incessante de abrir espaços no asfíxiado e falsamente fechado mercado de *shows* do Rio de Janeiro.

A briga contra estas imposições começou para Xico Chaves, diretor e programador de *Verão a Mil*, no célebre *show Banquete de Mendigos* acontecido há quase quatro anos no Museu de Arte Moderna. "Acho que foi a primeira vez que músicos de todas as tendências se reuniram a alguns individualistas como Macalé e Raul Seixas, para provar que podiam fazer um espetáculo fora das normas vigentes. E, apesar do disco, que resultou do aconteci-

mento, ter sido apreendido pela Censura, o *show* me ensinou que a estrutura tinha muitos buracos abertos e que não havia tanto mistério assim em produzir qualquer coisa. Mesmo sabendo que os jornalistas eram os únicos que ligavam para este tipo de coisa, sendo que os outros meios eram totalmente insensíveis à nossa divulgação". Poeta, letrista, formado em Comunicação, Xico se lançou então no Circuito Aberto no qual grandes estrelas como Caetano Veloso, Jards Macalé, João Bosco e Ademilde Fonseca serviam como padrinhos e chamarizes para a apresentação de conjuntos novos. Durante dois anos, 74 e 75, tal qual passageiros de ônibus que só tem em comum o veículo, cerca de 20 conjuntos se apresentaram no Teatro Gil Vicente, no Centro, e Divina Providência, na Zona Sul, exibindo música e versos. Uma certa autocensura estética acabou esvaziando o projeto, mas cresceu muito. "Voltamos com outras características para o *Verão a Mil*. Renunciamos aos grandes astros e abrimos inscrições para os jovens depois que Rubens Gerchman nos permitiu utilizar o pequeno teatro, onde cabem 200 pessoas, e mais o território em torno da piscina, que dá mais de 800. Apareceram cerca de 50 grupos, e nós, sem paternalismos ou dirigismos, fizemos uma programação por ordem de inscrição, com a única ressalva de que seriam os próprios artistas, e não a coordenação, que produziria os *shows*".

Atingindo uma platéia essencialmente jovem, média de 300 pessoas por *show*, mas com esparsos adultos curiosos, foram então feitas as apresentações de músicos, poetas e

até artistas plásticos exibindo audiovisuais ou calendários. O palco foi feito pelo grupo Nuvem Cigana e a iluminação pelo poeta Chacal, com *spot* na mão e uma mesa improvisada na qual está a caixa de luz retirada da parede e colocada em cima de uma prancheta. Condições precárias que não afetam a vontade dos jovens, que são donos das rendas dos espetáculos, com apenas uma pequena parte descontada para a manutenção. "E o importante", afirma Xico, "é que depois desta série quem não sabia já está ciente de como armar um espetáculo e o que fazer para apresentá-lo. Ir à Censura, na Ordem dos Músicos, no Sindicato e na Sociedade Arrecadadora. Não é mais privilégio de ninguém resolver isto e também são eles que têm que dar os telefonemas certos para conseguir divulgação. Tudo é muito simples, mas o músico é desinformado e mantido assim por interesses, e fica estarecido quando descobre que não existem tantas dificuldades para produzir coisas".

Todas essas informações poderão ser utilizadas individualmente para diversos fins. E até mesmo para voltar ao Parque Laje no outono, quando outra série vai começar explorando experiências antigas e fazendo outros novos aprenderem. Mas na guerra de abrir espaços, Xico tem planos mais vastos. Sonha com os pequenos auditórios do Conservatório Nacional de Música e do Museu de Carmem Miranda para conjuntos acústicos. E mesmo sem ter ainda resposta para a carta que enviou ao Centro Brasileiro de Informática perguntando sobre os auditórios ociosos, suas capacidades e infra-estruturas, já está de olho também nos palcos da Casa do Estudante e do DNER, para invadir com jovens. "Os músicos andam muito dependentes da tecnologia, mas podem esquecer dela por uns tempos e usar seus recursos e voz em salas pequenas. E se arriscarem, se mostrarem. No momento, só vemos um palmo de escuro na frente do nariz, mas pode dar certo. Porque estamos provando que é possível fazer e que é perder tempo ficar discutindo objetivos. No momento temos que fazer, apenas fazer, e só."

